

PEDRO E INÊS (uma emenda inspirada por Camões)

Pedra no centro do quarto. Veste uma saia que o cobre até aos pés.

PEDRA

O meu pai disse-me, não faças isso, olha que te vais arre-
pender,
mas eu estava decidido, recitava Camões pelas escadarias,
ele disse que não me daria o seu perdão, que me correria aos
pontapés,
mas eu já não era eu quando decidi deixar de ser eu,
estava pronto para ser assassinado por mim e renascer,
porque o amor faz de mim
o mais forte dos homens,
porque o amor me dá coragem para negar as certezas
do meu pai a atirar-me pedras,
o meu pai berrando, só a morte é certa, a morte é a única cer-
teza,
olha que te vais perder, dizia ele,
e eu sabia que tenho o meu caminho a cumprir, a estrada é
minha,
eu poderia recorrer à diplomacia, esconder a minha decisão,
cônsules, advogados, ser sombra na sombra,
mas eu não queria ser eu, porque
o amor faz de mim o ditador de todos os cercos,
eu descia escadarias a recitar Camões com a voz leve de um
déspota,

e fui entregar-me à prisão do meu amor,
fiz-me prisioneiro por vontade de não ter vontade, cativo de ca-
tiva,
e ouvia a voz como uma torre a afastar-se, vais arrepender-te,
vais arrepender-te,
depois não podes desfazer o que fizeste,
palavras desempregadas, desemparelhadas, enforcadas na
gravata,
palavras apenas,
e mergulhei fundo no meu incêndio, porque o amor
faz de mim o mais forte dos fogos,
estava escrito que este incêndio me pertencia,
por isso me entreguei a ele com o salto do cavalo,
a tensão do nylon,
a tua carne de Inês sendo minha carne, eu esfolado na carne
do mundo,
depois,
depois,
aqui estou,
completo, ressuscitado,
saí do complexo cardiológico, neurológico, ortopédico, terminal,
anónimo entre
incubadoras, lobotomias, dores de dentes, priapismos, muta-
ções,
a perguntar-me
por que nos encontrávamos todos no mesmo lugar de morte e
nascimento,
depois percebi que eu mesmo ia morrer e renascer, por isso
estávamos todos ali,
juntos, os abortos nos frascos e os cadáveres nos caixões,
mas eu,
o amor faz de mim o mais forte do universo,
eu esquecia o meu pai, os paliativos da minha vida de algodão
até hoje,

eu escolhi mudar, mudar-me para sempre, transformar-me,
vendi o meu país, a minha religião, a minha casa pelo meu
amor,
o meu reino pelo único reino do amor,
recitando alto Camões no corredor entre Pêro Luís
(o bom Pêro Luís que tantos anos me ajudou a subir às árvo-
res,
pobre Pêro Luís, às escondidas do meu pai,
que nunca viu nele mais que o criado para todo o serviço)
e Maria Adelaide
(infeliz Maria Adelaide que me ensinou o corpo, ou eu lho rou-
bei,
nessa outra vida com que agora rompi,
e que me perdoou sempre, no fundo da sua bondade rústica,
sua enervante bondade rústica violada e sempre virgem,
sua cara que eu tinha vontade de rasgar com um vidro),
tudo ficou para trás,
tudo foi antes de eu conhecer o amor,
antes de meu pai me dizer, Pedro, olha que vais arrepender-te,
mas eu respondia, meu pai, não posso impedi-lo, porque o
amor faz
de mim o mais corajoso dos homens,
e avancei no meu caminho estreito, onde só eu posso passar,
caminho que antes de mim não existia e depois de mim se fe-
cha,
sim,
sim,
segui o caminho do amor, recitava
Camões, e hoje estou renascido,
mas,
mas eu,
mas eu
na minha nova cabeça ouço novas vozes

que me dizem que borde monogramas nas bordas dos lençóis,
que
aperte a touca rendada em torno da minha testa
arrecadando os meus cabelos esparsos, que
não demore os olhos sobre as dobras das calças, que
fique em silêncio como o vento ao atravessar o corredor
e não me manifeste nos territórios da política, da justiça e dos
negócios, que
pelo contrário me ocupe dos filhos
como de flores delicadas sob um sol esfolante, que
enfim quando cheguem assassinos me renda,
e com retórica me defenda dos Reis e dos Estados,
mostrando lágrimas sinceras fingidas nos olhos,
para que mais inútil e amesquinhada seja a piedade
e espectacular o meu sacrifício para nada,
por que razão agora me comporto assim
e desmaio
se vejo uma gota de sangue no meu dedo esquecido do dedal,
por que tenho pressentimentos azedos
se um gato preto, se uma mancha de azeite,
por que ganhei tal prazer
em maldizer o mundo com as minhas vizinhas até aqui insu-
portáveis,
por que coro quando penso na noite mesmo às escuras,
eu que em tempos me despedi do meu pai,
que me dizia assim, Pedro, vais arrepende-te,
eu que recitava Camões pelas escadarias, assim,
transforma-se o amador na coisa amada,
meu pai disse-me, por que mataste Inês que amavas?
foi então que entrei no complexo
cardiológico, neurológico, ortopédico, terminal,
foi então que mudei de sexo e começo a achar
que talvez não tenha sido muito boa ideia,
que o meu pai tinha razão, só a morte é certa, a morte é a úni-

ca certeza,
e agora sou Inês,
não Pedro, mas Inês,
e talvez não tenha sido boa ideia,
transformei-me na coisa amada, mas
afinal só a morte é certa,
só a morte.

Pedra pega numa pistola e mata a Inês em que se tornou.